



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Urbana.

A SOBREVIVÊNCIA NO URBANO: OS ARTESÃOS NA FEIRINHA DA PRAIA GRANDE DE SÃO LUÍS

Alanna Larissa Aragão Teles¹

Giovanna de Abreu Araújo²

Rayssa Cordeiro Silva Carvalho Rocha³

Resumo: Por meio de profunda pesquisa bibliográfica e exploratória, nos propomos a analisar, neste trabalho, os artesãos da Feirinha da Praia Grande de São Luís-MA. Neste sentido, buscamos contextualizar a questão urbana, sendo o urbano o espaço social de sobrevivência dos feirantes, bem como entender a organização do trabalho dentro do lócus geográfico em que se encontram inseridos e como a urbanização contribui nas relações sociais dos indivíduos. Caracterizamos as feiras, que se constituem como espaço de trabalho e sociabilidade, permeado não só por interesse econômico, mas cultural também. E, por fim, apresentamos o resultado da pesquisa e das entrevistas realizadas com alguns dos artesãos da Feirinha, onde pudemos identificar as estratégias de sobrevivência dos mesmos, assim como os aspectos positivos, dificuldades e limites apontados por eles.

Palavras-chave: Feirinha da Praia Grande. Artesãos. Questão Urbana.

Abstract: Through extensive bibliographical and exploratory research, we propose to analyze, in this work, the artisans of Feirinha da Praia Grande de São Luís-MA. In this sense, we seek to contextualize the urban question, the urban being the social space of survival of the marketers, as well as to understand the organization of work within the geographic locus in which they are inserted and how urbanization contributes in the social relations of individuals. We characterize the fairs, which constitute a space of work and sociability, permeated not only by economic but also cultural interest. Finally, we present the results of the research and interviews conducted with some of the artisans of Feirinha, where we were able to identify their survival strategies, as well as the positive aspects, difficulties and limits pointed out by them.

Keywords: Feirinha da Praia Grande. Artisans. Urban Question.

INTRODUÇÃO

Ao tratar da questão urbana, lidamos com diversas formas de configurações socioespaciais e da influência direta do capital na organização das cidades. Dentro desta lógica, São Luís do Maranhão configura-se como cidade histórica com grande potencial turístico, mas que muito deixa a desejar no incentivo à atração de turistas e gera consequências para aqueles que comercializam em localidades turísticas, como os artesãos da Feirinha da Praia Grande, localizada no centro histórico de São Luís.

¹ Estudante de Graduação, Universidade Federal do Maranhão, E-mail:alannaaragao@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Universidade Federal do Maranhão, E-mail:alannaaragao@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Universidade Federal do Maranhão, E-mail:alannaaragao@gmail.com.

O interesse por estudar o trabalho dos feirantes da Praia Grande surgiu através da discussão do comércio informal em áreas históricas da cidade e ampliou-se através da descoberta da obrigatoriedade da venda unicamente de produtos artesanais por aqueles que ocupam as barracas da Feirinha da Praia Grande, ou seja, todos que ali comercializam são artesãos. O que levantou questionamentos sobre a jornada de trabalho desse grupo, os incentivos recebidos e suas formas de organização e ocupação do espaço público e histórico. Estudamos a realidade inserida dos trabalhadores que compõem a Feirinha, as diferenças daqueles que possuem um comércio formalizado para os que não possuem e, conseqüentemente, a valorização presente ou não dos guias turísticos daquela localidade.

Durante a disciplina de Pesquisa em Serviço Social II, realizamos a tarefa de estabelecer contato com estes artesãos e entender benefícios e obstáculos enfrentados por eles no cotidiano do trabalho, que vai muito além do comércio na feirinha, já que são eles os responsáveis também pela elaboração de seus produtos. No decorrer da disciplina de Pesquisa, aproximamo-nos cada vez mais da realidade do trabalho destes artesãos, através de visitas à Feirinha, conversas e entrevistas. Unimos isso ao que foi estudado e discutido em sala de aula sobre a pesquisa como ofício e parte do processo de produção de conhecimento científico, analisando a pesquisa em seus aspectos qualitativos e quantitativos, usando os instrumentos precisos para obter um resultado satisfatório.

O presente artigo está estruturado em quatro eixos, o primeiro trata da discussão da questão urbana e da organização dos espaços de trabalho, o segundo apresenta e contextualiza as feiras como espaços de trabalho tratando das particularidades da Feira da Praia Grande, o terceiro tópico trata da realidade do trabalho dos artesãos na feira e apresenta os resultados das entrevistas com alguns destes artesãos; o quarto e último tópico são as considerações finais onde buscamos identificar estratégias de sobrevivência dos artesãos, os aspectos positivos, as dificuldades e limites do trabalho informal deste grupo.

É importante a realização da pesquisa nesta área, pois nos possibilitou uma visão mais ampla acerca da categoria dos artesãos, uma relevância social mais intensificada, partindo de uma estimativa de que com os dados coletados, entrevistas realizadas, metodologias de investigação e uma familiaridade com o ambiente demarcaram com mais intensidade as perspectivas de melhorias, considerando uma oportunidade de acarretar impactos sociais e políticos.

1. QUESTÃO URBANA E A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE TRABALHO

Através do tema abordado, é necessário contextualizar o processo pelo qual surgiram as Feiras. Embora elas sejam perceptíveis a todos que residem em um local

urbanístico como as cidades, é importante descrever o contexto que surgiram, sendo imprescindível não tratar a urbanização como aspecto principal desse contexto, resultado de uma sociedade capitalista e com a presença de um comércio intensificado que é o meio das feirinhas de São Luís, especificamente a Feirinha da Praia Grande.

De acordo com a definição trazida por H.T.Eldrigo (1956, p. 338 *apud* CASTELLS, 1975, p. 17) no texto “O fenômeno urbano: delimitações conceituais e realidades históricas”, a urbanização concentra-se em um processo da população em dois níveis: A proliferação dos pontos concentrados e aumento do tamanho destes pontos de concentração, ou seja, seria uma forma de ocupação do espaço por uma população, resultando em uma aglomeração de pessoas que acaba por ser uma reprodução do capital e do trabalho.

É inevitável tratar de urbanização sem explicitar a conjuntura que a concedeu, tendo como ponto chave desse cenário a industrialização. A passagem de uma economia doméstica para uma economia manufatureira e, depois, tardiamente, a uma economia de fábrica, fez com que ocorresse uma concentração da mão de obra nas cidades, tendo como base o processo de emigração e degradação agrária para uma segregação urbana onde se teve a criação de um mercado e de um polo industrial. As cidades atraem a indústria justamente por conta de dois fatores cruciais ao entendimento da questão urbana: a mão de obra e o mercado, que possibilitam, através das indústrias, novas probabilidades de empregos.

A industrialização faz ocorrer um progressivo aumento de espaços territoriais, contudo, desigualmente distribuídos, sendo esse um dos pontos centrais da discussão, pois é na industrialização e conseqüentemente urbanização que ocorre a evolução do modo de produção capitalista, obtendo como resultado uma forma de reafirmar a luta de classes em que, para as camadas mais humildes, restarão apenas o trabalho suado, mal remunerado e desorganizado socialmente. Rosa Ultramarí (1996) vem trazendo uma definição precisa a respeito:

Mesmo que a economia cresça e se globalize, se os serviços públicos não acompanharem esse crescimento, dificilmente se verá uma cidade harmônica. Estará exposta uma cidade com demandas reprimidas, com serviços e infraestrutura saturados e insuficientes. Uma cidade aberta ao mundo, porém dividida em partes desiguais. (p.53).

O contexto brasileiro de construção e desenvolvimento das cidades regula-se conforme os interesses do capital e de suas determinações dentro da sociedade, acompanhando a dinâmica do sistema de produção, por meio das mudanças no cenário do país e o surgimento do modelo urbano-industrial. Destacam-se ainda as relações de mobilidade do capital, bem como a força de trabalho, considerado influente na dinâmica de acumulação do capital durante o processo de transformação territorial, principalmente nas áreas urbanas.

Dentro deste contexto, salienta-se a seletividade socioespacial das empresas de bens e serviços e a mobilidade da força de trabalho, refletindo sobre as variadas formas de exploração do trabalhador, que sobrevive em condições precárias de trabalho. Logo, as diferenças observadas dentro do cenário socioespacial urbano admitem as relações sociais de maneira hierarquizada, de acordo com o modo de trabalho predominante, com domínio ou não do capital, especialmente na oferta de bens e serviços.

Portanto, diante do que fora dissertado até agora, é necessário realizar interligações do objeto de estudo com as expressões da questão urbana até aqui apontadas, que são as carências de uma boa condição de trabalho onde as camadas mais humildes pudessem ficar com o bônus da tributação de seu trabalho, porém, desde a base da industrialização, não é dessa forma que acontece, tendo em vista que o cerne da problemática, que é o sistema capitalista, cada vez mais demonstra a disparidade entre o rico e o pobre.

2. AS FEIRAS COMO ESPAÇO DE TRABALHO

As feiras se constituem como espaço não só econômico, mas social, de expressão cultural. Apresentam variadas finalidades, que se expressam conforme os ensejos do público que as frequentam. A feira é um ambiente complementar ao cotidiano, influenciando na sociabilidade daqueles que compõem o lugar. O fato de o lócus geográfico ser urbano e público possibilita aos indivíduos circular de maneira livre e espontânea, além de despertar um sentimento de pertencimento, tanto pelos que vendem como pelos que consomem, visto que o espaço proporciona uma maior interatividade entres os sujeitos, fortalecendo as relações sociais que se desenvolvem. Assim, a feira carrega consigo a identidade daqueles que a integram, expressando o caráter popular e a cultura local. O espaço urbano também configura a produção e reprodução das relações socioeconômicas estabelecidas pela dinâmica do capital, e relações de poder da classe dominante.

As feiras se desenvolveram em um contexto em que os “territórios formatados pelos setores hegemônicos para a realização da mercadoria, mas que, por aglomerar multidões, resultaram em expressivos espaços de sociabilidade. Uma sociabilidade alternativa ao projeto dominante, que se desenvolve marginalmente, nos interstícios destes territórios ‘econômicos’, como uma luta criativa contra a norma.” (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008)

No contexto da sociedade capitalista, pós-industrial, a economia criativa e o consumo alternativo ganharam espaço, possibilitando mudanças nas relações de trabalho, permitindo ao trabalhador informal e tradicional também fornecer, direta ou indiretamente, ao mercado de bens e serviços, sua produção que é carregada de simbologia e manifestação cultural, a citar o artesanato, que se constitui como foco da pesquisa aqui apresentada, bem como a gastronomia, que também contribui para a venda no espaço da Feira da Praia

Grande. O consumo do artesanato, além de carregar um caráter simbólico, traz uma reconceituação do consumo, ou seja, dá um novo significado ao produto adquirido, visto que ele é carregado de características particulares.

A esse respeito, Reinaldo Dias (2006) afirma:

A manifestação cultural, quando integrada pelos membros da comunidade preenche todas as condições simbólicas para valorizar e para fortalecer a cultura da qual se originou, embora possa cumprir, muitas vezes, uma nova função, muito mais de construção ou de fortalecimento de uma identidade do que as funções originais. (p. 52)

Em contrapartida, é evidente que a feira é um espaço escasso de investimentos em políticas públicas, com uma infraestrutura muito das vezes precária, não lucrativa, acarretando em um ambiente sem importância para a dinâmica do capitalismo. Logo, a feira se apresenta também como um local de manifestação, protesto, que se diferencia dos espaços modernos e privados, bem como a resistência cultural socioespacial em que se encontra inserida. A falta de políticas públicas adequadas influencia no bom funcionamento das relações de trabalho, acarretando em condições precárias de trabalho, insalubridade, violência no espaço socioespacial em que essas relações se realizam, dentro de um contexto da dinâmica do capitalismo.

A Feirinha da Praia Grande situa-se no bairro da Praia Grande, Centro Histórico de São Luís, localizada na área externa do Mercado das Tulhas/Feira da Praia Grande, que faz parte do rol de Patrimônio Cultural da Humanidade. A Feirinha existe há 21 anos, é uma das mais antigas de São Luís, composta por 19 artesãos e 9 voltados para a gastronomia. Entre os produtos artesanais estão moda reggae e afro, tamancos e bolsas de fibra de buriti, crochê, cadernos/agendas feitas de material reciclado, produtos voltados para o público LGBT etc.

Pudemos perceber certa discrepância em relação à Feirinha e o Mercado, uma vez que este recebe mais valorização pela gestão local e até mesmo pelo público que frequenta o Centro Histórico. Ainda nos foi informado que muitas das lojas do Mercado não vendem produtos feitos pelos artesãos locais, uma vez que a Feirinha é composta apenas pelos artesãos locais, demonstrando a originalidade da cultura maranhense.

3. OS ARTESÃOS NA FEIRA DA PRAIA GRANDE

A pesquisa se particularizou no trabalho informal da Feirinha da Praia Grande, identificando uma forma de trabalho sem a devida regulamentação burocrática legal, resultando em trabalhadores que não possuem sua carteira de trabalho assinada. Geralmente esses trabalhadores buscam os locais mais polarizados da cidade para exercer sua atividade, neste caso discutimos o as configurações do trabalho informal em uma área turística da cidade de São Luís.

Procurou-se estudar as motivações resultantes dessa forma de trabalho, através de pesquisas inicialmente feitas na Feirinha da Praia Grande e, as incitações a respeito, se devem pelo fato do crescimento do desemprego, a oportunidade de construir seu próprio negócio, a falta de estudo e a herança perpassada de pais para filhos no condicionante de trabalho informal.

A pesquisa desenvolvida na Feirinha da Praia Grande de São Luís, que consiste nas barracas padronizadas, na Rua da Feira da Praia Grande, no Projeto Reviver. Nosso interesse ampliou-se ao descobrimos que para trabalhar nas barracas da área externa da Feira é obrigatório que os produtos vendidos sejam de elaboração do próprio vendedor, ou seja, eles são necessariamente artesanais.

As entrevistas ocorreram ao longo de três visitas; a primeira ocorreu como um reconhecimento da área e abordagem informal aos feirantes, nos apresentando como alunas de Serviço Social que objetivavam desenvolver uma pesquisa. Neste primeiro contato, fomos muito bem recebidas e ouvimos reclamações acerca de falta de investimento, concorrência com as grandes lojas e extensa carga horária de trabalho.

Neste primeiro dia, fomos encaminhadas para a Rosângela Santiago, Presidente da Associação dos artesãos e gastronomia da Praia Grande, que foi extremamente solícita ao nos receber e demonstrou grande interesse em participar da pesquisa. Logo de início, os feirantes apontaram a dificuldade de trabalho em determinados dias da semana, como às sextas-feiras, pelo grande fluxo de pessoas e falta de segurança nesse dia, o que refletiu na escolha dos nossos dias de visita. Decidimos iniciar nossas entrevistas em duas quintas-feiras seguidas, a partir das 18 horas.

Nosso roteiro consistia em perguntas centrais voltadas para aspectos de renda, sociais, tempo de trabalho e questionamento por investimentos e demandas, mas de maneira geral as entrevistas seguiam como uma conversa em que os trabalhadores sentiram-se muito à vontade em participar da pesquisa, permitindo, inclusive, registros visuais e de áudio. Conversamos com oito artesãos, dentre eles, gravamos as entrevistas de apenas quatro feirantes.

Participaram das entrevistas gravadas: Rosângela Santiago, 58 anos, Presidente da Associação dos artesãos e gastronomia da Praia Grande e artesã de artigos moda reggae; Leila (sobrenome não informado), 53 anos, artesã de bonecos de biscuit; Moacir (sobrenome não informado), 53 anos, artesão de agendas artesanais; E por fim, Guilhom (nome completo não informado), 43 anos, artesão de bijuterias voltadas para o público LGBT.

Fizemos perguntas também em relação à faixa etária, há quanto tempo trabalham na Feirinha da Praia Grande, quanto tempo trabalham como artesãos, a carga horária de

trabalho, a renda mensal, a relação dos mesmos com a Associação e se achavam que a falta de incentivo do Estado era um fator prejudicial.

A primeira artesã entrevistada foi a Rosângela Santiago, de 58 anos, artesã há 31 anos. Com carga horária de trabalho de 20 horas por dia, sua renda mensal varia em torno de 2 a 3000 reais. Comercializa em diversos lugares, além da Feirinha. É Presidente da Associação dos artesãos e gastronomia da Praia Grande.

Em seguida, entrevistamos a dona Leila, de 53 anos, que trabalha há mais ou menos 18/19 na Feirinha da Praia Grande e quase há 20 anos como artesã. A respeito de sua carga horária de trabalho, ela nos respondeu “eu não costumo cronometrar não, mas no caso chega até mais de 12h diárias”. A Feirinha é seu único local de venda e também realiza algumas encomendas, de onde ela tira sua renda. Perguntamos quanto ela costuma ganhar por mês e nos respondeu que “esse negócio de tirar por mês varia muito, nós trabalhamos aqui numa área turística, então, por exemplo, tem mês de janeiro, fevereiro, junho, julho, agosto são meses que a gente tem um faturamento maior, quando não ‘tô’ nesse período o faturamento é bem baixo, não chega nem a 1500/1000 por mês, quando dá, e agora depois de uns 2, 3 anos pra cá diminuiu bastante, aquele problema de crise, o pessoal sem dinheiro mesmo e aí foi diminuindo muito, muito mesmo. Mas a renda é mais ou menos isso, 800/1000 reais por mês.”. Sobre a sua relação com a Associação, disse: “a gente tem uma associação aqui, mas aqui praticamente cada um é independente”. A sua carga horária varia conforme o movimento do dia, e trabalha de terça a sábado.

O outro artesão entrevistado foi o Moacir, de 53 anos, que trabalha com a confecção de agendas há 2 anos e tem uma pequena empresa de brindes também. Está há um ano e meio trabalhando na Feirinha e sua carga horária é de pelo menos 12h diárias. Trabalha na Feirinha de quarta a sábado de 5 até 8 da noite. Perguntamos se ele sentia que há falta investimento no local e nos respondeu: “Há, falta, principalmente de infraestrutura, de segurança ‘né’, principalmente, porque aqui é uma área, um posto turístico bem procurado de São Luís. Infelizmente, a gente sente essa dificuldade, o próprio turista tem certo receio de vir pra cá, às vezes a gente percebe que eles não ficam muito à vontade”. Sobre a Renda mensal, disse: “é muito relativo, mas “ tipo assim” dá pra tirar daqui mais ou menos em torno de um salário mínimo”.

Por último, entrevistamos o Guilhom, de 43 anos, trabalha como artesão há 10 anos, na confecção de artigos voltados para o público LGBT e está na feirinha há um ano. Trabalha às segunda, quinta, sexta e sábado. Sobre a renda mensal, respondeu-nos: “é muito relativo, tem época que é muito devagar; o meu produto é muito barato”. Apontou também a falta de incentivo público.

Podemos observar que a carga de horária dos artesãos varia muito, são eles próprios que montam seus horários e, às vezes, chega a ultrapassar 12 horas por dia. Fica evidente a sobrecarga de trabalho, haja vista que eles produzem sem ajuda nenhuma e, além do tempo necessário para a confecção dos produtos, existe o tempo também necessário à comercialização. Levamos em consideração também a relatividade da renda mensal dos artesãos e constatamos que a demanda varia conforme os meses do ano. Aqui foi apontado diversas vezes o potencial turístico da cidade de São Luís que, apesar de ter uma área tombada inclusive como Patrimônio Histórico da Humanidade, não possui um investimento para a atração de turistas durante o ano inteiro. O turismo foi apontado pelos artesãos como sazonal, atraindo maior público nos meses de Junho, por conta do São João principalmente. Durante o restante do ano, o fluxo de turistas costuma ser baixo e aqueles que visitam o centro histórico são levados pelos guias à grandes lojas, que costumam comprar produtos artesanais a baixo custo no interior do Maranhão e revendê-los por preços elevados. Logo, a renda é algo incerto e muitos tiram o seu sustento apenas do que comercializam na Feirinha.

Sobre a Associação, há uma relação entre os artesãos apenas em nível de organização, pois todos trabalham individualmente. A falta de incentivo do Estado é tida como um dos principais problemas enfrentados pelos artesãos, em relação à infraestrutura, segurança, investimento, o que implica na desvalorização do trabalho dos artesãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que entender como ocorre à sobrevivência no urbano é de fundamental importância para compreendermos as determinações dos sujeitos aqui estudados (os artesãos). A atenção dada à categoria dentro de seu espaço de trabalho é um dos principais pontos que destacamos, pois influencia diretamente na sua venda, já que há uma falta de subsídios por parte da gestão municipal/estadual, acarretando em um espaço sujeito às variadas formas de expressões da questão social, sendo a urbanização a premissa principal para tais expressões das desigualdades sociais.

Diante do artigo produzido, percebemos que há uma contradição no modo de como as cidades são constituídas, tendo como base a aglomeração de pessoas que ocorreu por conta do fenômeno urbano-industrial, porém não existe uma condição social, econômica e urbana de forma positiva.

A individualidade de cada artesão nos faz observar como o sistema capitalista influi sobre a classe, direta ou indiretamente. A relatividade da renda é um fator muito forte também, já que a maioria deles retira seu meio de sobrevivência apenas dos produtos que confeccionam para vender na Feirinha e alguns não conseguem obter nem um salário mínimo por mês.

Portanto, foi relevante a realização do estudo nesta área, pois haverá possibilidades de uma visualização maior futuramente, uma relevância social mais intensificada, partindo de uma estimativa de que com os dados coletados, entrevistas realizadas, metodologias de investigação e uma familiaridade com o ambiente terão uma demarcação mais intensificada e perspectivas de melhorias, considerando uma oportunidade de acarretar impactos sociais e políticos.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manoel. **A questão urbana**. São Paulo: Editora Paz e Terra.1975.

DIAS, Reinaldo. Turismo e patrimônio cultural: Recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DOS SANTOS, Flávio Roberto Gomes. MENDES, Raquel de Oliveira. **A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM SÃO LUÍS E SUAS CONSEQUÊNCIAS ANTE O IMPLEMENTO DOS GRANDES PROJETOS ECONÔMICOS/TECNOLÓGICOS EM SEU TERRITÓRIO**. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/Trabalhos2/Flavio_Roberto_Raquel_Oliveira.pdf>. Acesso em: 21/06/2019.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: editora Brasiliense, 1996.